



NEOLIBERALISMO, MILÍCIAS DIGITAIS E A RUPTURA DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

NEOLIBERALISM, DIGITAL MILITIA AND THE RUPTURE OF BRAZILIAN DEMOCRACY

Laura de Castro Silva¹
Tássia Aparecida Gervasoni²

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a utilização dos espaços digitais para ratificação de práticas neoliberais e antidemocráticas, onde se pretende investigar quais as possíveis influências das práticas realizadas no ambiente das redes sociais por parte das milícias digitais na democracia? De início, analisar-se-ão algumas das premissas do neoliberalismo e sua influência na apropriação digital por movimentos antidemocrático para, posteriormente, explorar a relação entre essas influências e as práticas das milícias digitais na democracia brasileira. Para desenvolver a presente pesquisa, utilizar-se-á o método de abordagem dedutivo, o método de procedimento histórico e monográfico e como técnica de pesquisa a documentação indireta. De tal sorte, restou evidenciado que a racionalidade neoliberal possui grande interesse no que diz respeito as visualizações, compartilhamento e direcionamento de conteúdos, de forma que as milícias digitais acabam interferindo na tomada de decisão política valendo-se das tecnologias e das redes sociais.

Palavras-chave: Democracia; Redes Sociais; Milícias Digitais; Neoliberalismo.

ABSTRACT

This work deals with the use of digital spaces to ratify neoliberal and anti-democratic practices, where we intend to investigate the possible influences of practices carried out in the social media environment by digital militias in democracy? Initially, we will analyze some of the premises of neoliberalism and its influence on digital appropriation by anti-democratic movements and, later, explore the relationship between these influences and the practices of digital militias in Brazilian democracy. To develop this research, the deductive approach method, the historical and monographic procedure method and indirect documentation as a research technique will be used. As such, it has become clear that neoliberal rationality has a great interest in viewing, sharing and directing content, so that digital militias end up interfering in political decision-making using technologies and social networks.

Keywords: Democracy; Social media; Digital Militias; Neoliberalism.

¹ Mestranda em Direito pela Atitus Educação, linha de pesquisa Fundamentos Jurídico - Políticos da Democracia. Bolsista Prosup/Capes tipo Taxa. Membro do Grupo de Pesquisa Direitos Fundamentais, Democracia e Desigualdade, vinculado ao CNPq. Advogada. E-mail: lauradecastro.silva@outlook.com

² Doutora em Direito pela UNISINOS/Universidad de Sevilla. Mestre e Graduada em Direito pela UNISC. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado em Direito na Faculdade Atitus Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Direitos Fundamentais, Democracia e Desigualdade, vinculado ao CNPq. Email: tassiagervasoni@gmail.com



INTRODUÇÃO

A ideia de que a internet é onipresente e que um mundo sem essa ferramenta é inimaginável é mais uma forma de manipulação do sistema sobre os indivíduos, pois estes aceitam de forma passível a premissa de que rotinas on-line são sinônimas de que se está vivendo corretamente³.

A partir da subordinação da internet a atores coniventes com as premissas do mercado financeiro, cria-se a ilusão de que a simples “mudança de mãos” da internet seria a solução para que ela fosse independente ao capitalismo global, todavia, ambos estão entrelaçados e o “complexo internético rapidamente tornou-se parte essencial da austeridade neoliberal”, especialmente porque visa a individualização dos seres e a falsa noção de autonomia, potencializando a ideia de que a sociedade/coletividade não existem, o que existe são indivíduos⁴.

Dito isso, as abordagens que se visualizam na internet como sendo um campo igualitário e horizontal, têm excluído linguagem classista ou em defesa da luta de classes, mesmo que se trate de um momento histórico “em que os antagonismos de classe são mais pronunciados do que nunca”. E, de fato, tendo em vista que o objetivo ante a criação e a utilização da internet nunca foi para a promoção de agentes anti capitalistas (até porque é uma ferramenta subjugada pelo ethos neoliberal) e, sendo o “seu funcionamento disperso desempoderado em agrupamentos de facções e interesses separados e na eficiência e sobretudo na solidificação de grupos reacionários”, acaba levando a necessidade de olhar com uma perspectiva crítica acerca das nuances positivas e negativas da internet no contexto das movimentações sociais, sejam elas democráticas ou antidemocráticas⁵.

Sendo assim, tendo em vista a reformulação das estruturas sociais, assim como a utilização dos espaços digitais para ratificação de práticas neoliberais e antidemocráticas, verifica-se a necessidade do estudo para investigar quais as possíveis influências das práticas realizadas no ambiente das redes sociais por parte das milícias digitais na democracia?

De tal sorte, o tema abordado justifica-se pela relevância e atualidade da temática abordada, de modo que o método de abordagem que se pretende utilizar para conduzir o

³ CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.

⁴ CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.

⁵ MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, Portugal, v.66, p.117-149. Outubro 2003.



processo de pesquisa científica é o dedutivo, enquanto os métodos de procedimento a serem utilizados são o histórico e o monográfico. E por fim, a técnica de pesquisa empregada trata-se da documentação indireta, por meio da pesquisa bibliográfica.

Além disso, a presente proposta de pesquisa alinha-se à área de concentração do PPGD da Atitus Educação, qual seja, “Direito, Democracia e Tecnologia” e à linha de pesquisa Fundamentos jurídico-políticos da democracia, considerando que se pretende analisar empiricamente os desdobramentos políticos e democráticos da apropriação das redes sociais por contramovimentos, em específico as milícias digitais, assim como, faz-se, ainda, alinhamento ao trabalho nos encontros do Grupo de Pesquisa Direitos Fundamentais, Democracia e Desigualdade, vinculado ao CNPq, visto que o grupo possui como objetivo central o mapeamento, compreensão e proposição de mecanismos de enfrentamento das ameaças às instituições jurídicas e democráticas.

1 NEOLIBERALISMO E SUA INFLUÊNCIA NA APROPRIAÇÃO DIGITAL POR MOVIMENTOS ANTIDEMOCRÁTICOS

A partir da subordinação da internet a atores coniventes com as premissas do mercado financeiro, cria-se a ilusão de que a simples “mudança de mãos” da internet seria a solução para que ela fosse independente ao capitalismo global, todavia, ambos estão entrelaçados e o “complexo internético rapidamente tornou-se parte essencial da austeridade neoliberal”, especialmente porque visa a individualização dos seres e a falsa noção de autonomia, potencializando a ideia de que a sociedade/coletividade não existem, o que existe são indivíduos⁶.

Inclusive, essa percepção de instantaneidade da internet e da conexão global que ela produz, conforme reflexão de Crary, pode ser relacionada com o que Marx denominou como weltmarkt (mercado global) em 1850, tendo previsto a inevitabilidade da globalização capitalista onde a velocidade de circulação e troca seria reduzida em virtude da “anulação do espaço pelo tempo”, havendo, ainda, a dissolução da comunidade e das relações sociais.

Nesse sentido, cabe referir que o medo dos indivíduos em irem contra o sistema se dá também pelo fato de que como tudo está interconectado (e-mail, Facebook, Instagram, WhatsApp, etc.), há o receio de serem lesados em seus trabalhos e, conseqüentemente,

⁶ CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.



perderem sua renda, fazendo com que haja uma paralisação pela marginalização, logo, não conseguem derrotar o pensamento de que a ação não é possível. A reflexão trazida por Touraine⁷ justamente quanto a este ponto, é de que uma crítica intelectual extrema afirmaria que, caso não apoiada num partido revolucionário, as mobilizações terão como resultado o silêncio e a impotência.

Há uma trama mais complexa por trás dessa sensação de impotência que se instaura pelo medo ou pela desesperança. Na elaboração de Fisher, chama-se de “realismo capitalista” essa “crença de que não há alternativa ao capitalismo”. Todavia, isso não se manifesta ampla e claramente nos debates sobre economia política, “mas em comportamentos e expectativas mais banais, tais como nossa fatigada aceitação de que os salários e as condições (de vida e de trabalho) vão se estagnar ou deteriorar”. Aos poucos se introjeta que os tempos são outros e que o mundo agora é assim, numa passividade conformada que dá feitiços de certeza à suposição de que “a era da classe trabalhadora organizada acabou; o poder sindical está recuando; as empresas agora dão as cartas, e temos que entrar na linha”. Se para Fisher “o realismo capitalista é uma expressão da decomposição de classe, e uma consequência da desintegração da consciência de classe”, tal como buscava o neoliberalismo⁸, o conceito serve também para se pensar o papel dos movimentos sociais diante dessa conjuntura e da própria consciência.

Aliado a isso, Brown⁹ dedica um capítulo de sua obra “Nas ruínas do neoliberalismo” para analisar o dismantelamento da sociedade, e um dos pontos trazidos pela autora é o fato de que a democracia só existe quando há igualdade política. Logo, o poder de um povo em uma democracia não deve estar aliado à sistematização da violência “ou da miséria coletiva”, pois isso leva ao fim da democracia.

De outra banda, para além da necessidade de prevenção à “miséria coletiva”, Touraine¹⁰ aponta que as mobilizações que buscam conquistar direitos, potencializar recursos para efetivar direitos humanos (sem ameaçar a sobrevivência de uma empresa ou de um Estado), mesmo em meio a um mundo em movimento acelerado, poderão obter

⁷ TOURAINE, Alain. **Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

⁸ FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

⁹ BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

¹⁰ TOURAINE, Alain. **Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.



Dias 30 e 31 de outubro de 2024 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

sucesso. O autor ainda vai referir um outro requisito além das mobilizações, para que haja a conquista de direitos: a consciência.

Somente o sujeito consciente de seus direitos pode opor-se à todo-poderosa globalização e ao neoliberalismo que submeteu a economia e os seres humanos ao mercado, esta instância supostamente mais racional do que as decisões emanando das pessoas e das instituições¹¹.

De outra banda, importa pontuar que a questão é que o uso das novas tecnologias pode influenciar de forma direta a democracia, notadamente porque é a partir das abordagens utilizadas na internet que poderá haver deterioração da liberdade e do diálogo. Veja-se, com a possibilidade de coleta em massa de dados disponibilizados pelos próprios usuários da internet e seus servidores, abre-se margem para que haja disseminação de informações falsas e, a partir disso, ocorra, para além da desinformação, a indução ao medo e à dúvida. Outrossim, possibilita a utilização de robôs na criação de perfis falsos e engajamento em publicações que dão preferência a determinados candidatos e a demonização de outros, fazendo com que haja, essencialmente, uma intervenção direta e indireta na participação política (desde o voto de cada cidadão em processos eleitorais a escolhas referente à vida civil)¹².

Aliás, de acordo com Cathy O'neil, que se vale do termo “algoritmos de destruição em massa” para expor como a big data aumenta a desigualdade social e ameaça à democracia globalmente, quando se envia uma publicação pelo Facebook, por exemplo, o algoritmo da rede social fará um julgamento de como usá-la melhor, calculando aritmeticamente as chances de que agrada cada um dos “amigos” da rede. A autora usa a analogia de uma praça para ilustrar como o algoritmo funciona, pois, embora pareça algo moderno e de livre-arbítrio, a empresa é quem irá determinar, a partir dos seus próprios interesses, o que deve ou não ser visto pela maioria dos usuários, o que pode ser problemático, visto que “dois terços dos adultos do EUA possuem um perfil no facebook [...]” e “[...] quase metade deles, de acordo com um relatório da Pew Research Center, conta com o facebook para receber algumas das notícias”¹³.

A partir disso, importa elucidar que as empresas de tecnologia estão focadas em seus lucros, o que, no momento, considerando que diferentes tipos de publicações acabam

¹¹ TOURAINE, Alain. **Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

¹² LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. **DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL**. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020.

¹³ O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.



influenciando o comportamento de voto das pessoas, agora os lucros estão conectados de forma direta com as políticas governamentais, isso porque, o governo é quem regulamenta ou escolhe se vai ou não regulamentar determinadas questões tecnológicas e atinentes às redes sociais¹⁴.

Não obstante se possa ignorar esta afirmação, é nítido que existe um controle sobre o que move o debate público, especialmente nas redes sociais¹⁵. Dito isso, insta salientar que esse controle é exercido sobre todos os indivíduos que utilizam tais serviços, que são subjugados "ao poder das corporações transnacionais, das agências de inteligência, do crime organizado e de uma elite de sociopatas bilionários"¹⁶. Redes sociais como Facebook e Twitter, por exemplo, estimulam, através de suas publicações, a ansiedade de seus usuários, fazendo com que haja uma necessidade de sempre estar atualizando seu feed e alimentando suas páginas¹⁷.

Sendo assim, a partir deste controle "invisível" das novas tecnologias, neste ponto, especialmente das redes sociais, também há um domínio quanto às tomadas de decisões dos usuários (lê-se, cidadãos). De acordo com Morozov, é importante para os dominadores que uma decisão feita pelo usuário pareça ser totalmente autônoma, ou seja, que ele a tenha decidido por si. Todavia, faz parte do jogo, ou melhor, da manipulação, pois cada decisão na realidade é influenciada pelas publicações que aparecem a cada clique que se dá nas redes¹⁸.

Aliás, salutar pontuar que a influência latente, a partir das eleições presidenciais de 2018, também se dá porque com o barateamento dos smartphones e pacotes de dados, a internet se tornou palco de comunicação política do país¹⁹. Nesse sentido, uma das formas de influência dos detentores das novas tecnologias é o oferecimento gratuito a serviços básicos on-line, sendo esta prática também denominada como zero rating e pautada na ilusão de que haverá uma inclusão digital. Para Morozov, "o facebook está interessado em 'inclusão digital' do mesmo modo que os agiotas se interessam pela 'inclusão financeira'"²⁰.

Além disso, a disponibilidade de ofertas de zero rating acaba sendo atrativa para os usuários justamente porque podem acessar conteúdos ou serviços por meio de uma conexão

¹⁴ O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

¹⁵ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018

¹⁶ CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista**. São Paulo: Ubu, 2023.

¹⁷ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018

¹⁸ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018

¹⁹ CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.

²⁰ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018



sem cobrança. Entretanto, o conforto momentâneo deve ser visto como uma forma de controle social de conteúdo, notadamente porque a partir da prática do zero rating as operadoras direcionam os conteúdos que podem ser acessados pelos usuários, logo, sendo uma ferramenta valiosa de restrição e dependência dos indivíduos e contrária à neutralidade de rede.²¹

Importa referir que é disseminada a ideia de que aqueles que não possuem acesso à conexão de internet vivem em estado de privação e são excluídos das oportunidades trazidas pelas transformações digitais. Todavia, a intenção deste discurso é de que todas as pessoas se tornem "consumidores cativos e obedientes para seus produtos e serviços"²². Não se pretende oportunizar melhoria na vida destes cidadãos, mas sim torná-los massa de manobra para os ideais da razão liberal.

Todavia, é importante ressaltar que a maior parte da população não tem consciência sobre a malícia desta prática. De acordo com Morozov, além de entregar os dados em troca de serviços um tanto quanto ordinários, esses mesmos dados disponibilizados de forma "gratuita" são utilizados para embasar e estruturar a tomada de decisões dos usuários. Segundo o autor, "é justamente essa capacidade de moldar o futuro, mesmo depois de termos abdicado dele, que transforma os dados em instrumento de dominação"²³.

Demais disso, considerando que se vive em uma época em que valores como a coletividade e justiça estão se desmantelando, o fato de as novas tecnologias possibilitarem o compartilhamento de informações quando da tomada de decisões dos usuários acaba influenciando e apressando ainda mais o fim de tais valores²⁴. A aliança oculta às grandes massas, entre os dominadores das novas tecnologias e o neoliberalismo acaba por influenciar de forma direta a estrutura social e a tomada de decisão dos indivíduos. É fundamental que se abandone o isolamento digital, para que seja possível lutar por uma sociedade justa e igualitária, sem que haja uma dominância mercadológica sobre a coletividade²⁵.

Posto isto, é inequívoca a necessidade de se questionar sobre o encaminhamento da democracia brasileira, visto que a reconfiguração dos atores e das ferramentas sociais

²¹ GARCIA E SILVA, Hermann Bergmann; MARQUES, Rodrigo Moreno. Falsa percepção de gratuidade: a prática do zero-rating e o Marco Civil da Internet. *Transinformação*, v. 31, p. e180021, 2019.

²² CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.

²³ MOROZOV, Evgeny. *Big tech*. São Paulo: Ubu, 2018

²⁴ MOROZOV, Evgeny. *Big tech*. São Paulo: Ubu, 2018

²⁵ CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.



implica em um cenário onde o cidadão tem a sua vontade imbuída de discursos disseminados para haver sua dominação²⁶.

Em síntese, dizer que o neoliberalismo e movimentos antidemocráticos não possuem influência sobre as massas e, conseqüentemente, sobre o fluxo das eleições e, em seqüência, da democracia, é uma inverdade. Desta forma, o limiar entre o uso das tecnologias em prol da democracia e contra ela está a um movimento social de distância, de modo que, a partir do próximo capítulo, verificar-se-á as práticas realizadas nas redes sociais pelas milícias digitais e suas possíveis influências na democracia brasileira.

2 NUANCES DAS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL

De antemão, é imprescindível se ter em mente de que quando se fala em articulações globais, as ações coletivas e em consequência os próprios movimentos sociais não se limitam apenas no campo progressista, há também ações e movimentações de direita e ultradireita, podendo ser nominados como "contramovimentos", pois atuam em atos antidemocráticos²⁷.

Cabe mencionar que é evidente que nem sempre se vinculou o uso das tecnologias com organizações antidemocráticas, especialmente quando em 2011, com a descoberta das possibilidades de organizações e de mobilização na rede, a promessa era de que haveria uma mediação entre os "dois mundos" (o on e off-line), sendo que o otimismo de uma organização política "intrinsecamente democrática, infinitamente expansiva", era central no período, especialmente porque via-se as redes não apenas como algo que estava em todo o lugar ao mesmo tempo, mas que isso fazia com que fosse uma forma de organização muito mais viável dentro do contexto da globalização²⁸. Em outras palavras, "o ativismo globalizou as ações coletivas graças fundamentalmente às relações virtuais, online, nas redes e canais sociais".²⁹

Dito isso, em uma discussão mais recente do que se pode ter como organização nas redes, de acordo com Lobo, Bolzan e Leme, a ciberdemocracia precisa ser confrontada no sentido de que, ao invés de os meios tecnológicos estarem sendo utilizados como uma forma

²⁶ LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020

²⁷ GOHN, Maria da Glória. *Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis-Como impactam e por que importam?* Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

²⁸ NUNES, Rodrigo. *Nem horizontal nem vertical: uma teoria da organização política*. São Paulo: Ubu, 2023.

²⁹ GOHN, Maria da Glória. *Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis-Como impactam e por que importam?* Rio de Janeiro: Vozes, 2022.



de viabilizar um novo espaço para o exercício democrático, eles estão sendo transformados em ferramentas que corrompem e distorcem, a partir das milícias digitais, a política brasileira, colocando “em xeque o paradigma da democracia constitucional”.³⁰

Um dos atores sociais mais relevantes nessa (des)construção da democracia são as milícias digitais, que, em síntese, podem ser compreendidas como:

[...] uma associação de pessoas interligadas de forma mais ou menos flexível e sem um arranjo jurídico-legal, que agem de maneira coordenada ou orquestrada na web, em sua grande maioria pelas redes sociais, se utilizando de robôs, contas automatizadas e perfis falsos, promovendo campanhas de ataques e/ou cancelamento de imagens e reputações de adversários ocasionais³¹.

Assim, um dos questionamentos suscitados pelos autores supramencionados, é se as milícias digitais podem ter ligação com as milícias tradicionais, no sentido de, teriam as milícias apenas migrado a sua atuação para o ambiente digital e continuado com a mesma estrutura e formas de atuação? É fato notório que as milícias tradicionais urbanas sempre tiveram conexão com a política brasileira, tendo havido, nos últimos anos, debate em torno da atuação destes grupos no ambiente digital, sendo uma clara demonstração acerca do mau uso da internet em termos de consolidação da democracia³². Aliás, importa referir que a ascensão deste grupo (milícias urbanas) no país se deu a partir de 1970, tendo uma forte relação com a conjuntura política brasileira da época, visto que se tratava do período mais duro da ditadura militar³³.

Não obstante, diferente das milícias tradicionais, as milícias digitais não façam uso de armamento ou de violência direta contra eleitores, com o uso das TICs ainda são capazes de interferir na tomada de decisão política a partir da criação e disseminação de discurso que intenta causar medo àqueles tidos como inimigos, qual seja, a oposição. Lôbo, Bolzan e

³⁰ LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020.

³¹ LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020.

³² LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020.

³³ PALAIO, Nilmara; BARBOSA, Melissa. Forças do Estado: Ascensão das milícias cariocas e o grande medo da população—breve análise sobre as prisões por tráfico de drogas e disputa de controle das favelas no Estado do Rio de Janeiro. Anais da XII Jornada de Antropologia dos alunos do programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2018, Rio de Janeiro. *Anais*, Rio de Janeiro p. 146-157.



Leme são precisos ao referir que o objetivo é estratégico e visa a dominação e operacionalização “de um projeto político a longo prazo”³⁴.

Antigamente, o poder sobre a narrativa era exercido, de forma semelhante, pelos jornais, de modo que os editores selecionavam as notícias que iriam para a primeira página e determinavam a forma como iriam lançá-las para a população. O’neil exemplifica, referindo que optam se irão apresentar os palestinos bombardeados ou os israelenses em luto, se irão apresentar o policial resgatando um bebê, ou então, se irão apresentar um policial espancando um manifestante. A decisão é cristalina, não é opaca, e atualmente, restará às pessoas (usuários) discutir, pelas redes sociais, se a decisão foi ou não acertada³⁵.

A partir disso, movimentos antidemocráticos valem-se da premissa da liberdade de expressão para realizar campanhas silenciosas e enganosas por meio das redes sociais, entregando legítimas “bombas ideológicas” para os usuários, se favorecendo de discursos que exploram o medo, assustando os mais vulneráveis politicamente, declarações sobre “cuidem das suas crianças”, “vocês perderão suas casas pelo Movimento dos Sem Terra”, “vamos virar uma nova Venezuela”, acabam sendo eficientes neste objetivo, principalmente quando se utiliza do microdirecionamento para tal. De acordo com O’neil, isso “explica porque em 2015 mais de 43% dos republicanos [...] acreditava que o presidente Obama era muçulmano”³⁶.

De outro lado, imperioso dizer que a esquerda também pode espalhar e escolher desinformações que serão alvo do microdirecionamento, porém, não se têm conhecimento de nada que se equipare, por exemplo, com a escala da campanha anti-Obama, ou então, pensando no Brasil, ao anti-PTismo. E, em contrapartida, há que se ponderar que a assimetria de informações que chegam aos usuários/eleitores faz com que não seja possível haver uma junção de forças contra ou em favor de um denominador comum, o que é essencial em um governo democrático³⁷. Em outras palavras, potencializa a individualidade, deteriorando e suprimindo o social.

Nesta senda, conforme retrata Crary, a subordinação compulsória das pessoas à rede social é imprescindível para a consolidação neoliberal, além de invisibilizar qualquer forma

³⁴ LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. *Revista Culturas Jurídicas*, v. 7, n. 17, 2020.

³⁵ O’NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

³⁶ O’NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

³⁷ O’NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.



de tentativa de rachadura para modos não opressivos de viver³⁸. Aliás, a dominação das escolhas por meio das redes sociais em detrimento de ativos rentáveis ocorre nos mais diversos locais, e, segundo Morozov, cada transação eletrônica que é efetuada, nunca está concluída, isso porque os dados gerados pelos indivíduos os acompanham³⁹.

O poder que as redes possuem é enorme e perigoso, porque, analiticamente, é preciso considerar que a plataforma decide como milhões de pessoas se sentem, o que irão aprender, e como irão votar. Dito isso, a forma como as milícias digitais, em conjunto com políticos, pode agir, pode beirar a inescrupulosidade, visto que com a convergência entre big data e marketing de consumidor, além de atingir os eleitores com informações que confirmam suas crenças e os sinaliza “para onde votar”, também podem atingir microgrupos de cidadãos para angariar doações⁴⁰.

Ademais, para além da necessidade de acesso aos dados e de obter capital a partir dos cliques dos usuários, pode-se dizer que o neoliberalismo objetiva abolir qualquer valor como a coletividade, colocando em primeiro plano o ideal individualista⁴¹. De tal sorte, consoante o que explicita Brown, “o ataque neoliberal ao social [...] é fundamental para gerar uma cultura antidemocrática desde baixo, ao mesmo tempo em que constrói e legitima formas antidemocráticas de poder estatal desde cima”⁴².

Dito isso, o ataque ao social advém da necessidade de construir uma manipulação em massa contínua, que hoje se dá através dos dados ou das ferramentas tecnológicas atuais, de modo que a razão neoliberal, ao não reconhecer a sociedade e ao sobrepor os ideais da individualidade sobre os da coletividade, produz um “instrumento de poder sem preocupação com os outros, o mundo ou o futuro”⁴³.

Ainda, para além da desconstrução da sociedade e do fortalecimento do individualismo, o neoliberalismo também possui como pauta o desmantelamento da política, dando margem para que movimentações antidemocráticas estabeleçam-se e comecem suas campanhas contra a democracia. Para a razão neoliberal, a partir do ponto em que a

³⁸ CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista**. São Paulo: Ubu, 2023.

³⁹ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018

⁴⁰ O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

⁴¹ MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018

⁴² BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

⁴³ BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.



democracia diminui, mesmo que não desapareça por completo, o exercício do poder "é cada vez mais privado [...] da legitimação pela vontade do povo".⁴⁴

Por todo o exposto, resta evidenciado que a ocupação em espaços digitais e a articulação de movimentos antidemocráticos nas redes sociais, inclusive das milícias digitais, influenciam diretamente a democracia brasileira, notadamente porque valem-se do medo e de outros sentimentos (raiva, indignação, constrangimento e esperança) para influenciar e interferir nos conteúdos acessados pelos usuários mirados.

CONCLUSÃO

Conforme demonstrado no decorrer deste sucinto trabalho, pode-se perceber que é possível estabelecer inúmeras discussões e questões negativas no que diz respeito ao uso massivo e quiçá irresponsável da tecnologia, notadamente em razão de dados serem utilizados para vender produtos, manipular resultados eleitorais e para acelerar ou alterar decisões de tribunais.

Ademais, foi possível verificar que as dinâmicas presentes nas redes sociais, são frequentemente (quando não totalmente) subordinadas ao mercado financeiro, contribuindo para a desintegração da consciência de classe, resultando numa aceitação passiva das opressões neoliberais. Essa transformação digital, considerada inicialmente um espaço para mobilizações democráticas, atualmente pode ser vista como um instrumento de controle social, onde a manipulação da opinião pública se dá por meio de algoritmos que direcionam informações, contribuindo para um discurso que alimenta o medo e a divisão.

De tal sorte, a racionalidade neoliberal possui grande interesse no que diz respeito as visualizações, compartilhamento e direcionamento de conteúdos, especialmente daqueles que poderão influenciar de uma forma ou outra os andares da democracia (e consequentemente da economia). A ilusão de que a internet é um espaço neutro e livre de interferências não deve mais ser tolerada, pois é a partir da ação latente destes atores "externos" cujo objetivo é consolidar a individualidade e eliminar qualquer fagulha de solidariedade e comunidade, que se faz possível a ascensão dos movimentos antidemocráticos.

⁴⁴ BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.



Além disso, no que diz respeito às milícias digitais brasileiras, diferentemente de como agem as milícias tradicionais, não fazem uso de armamento e violência física e direta com os usuários, acabam interferindo na tomada de decisão política valendo-se das tecnologias e das redes sociais, seja a partir da disseminação de discursos que diminuam a oposição baseados em fake News, ou então, através do medo e coerção.

De tal maneira, um dos pressupostos desta pesquisa, a partir de tudo o que fora abordado até o momento, é a imprescindibilidade de os indivíduos, por meio de uma unidade, tomarem consciência de seus direitos e das artimanhas neoliberais que cerceiam e manipulam suas tomadas de decisão, para que seja possível mobilizar e potencializar recursos capazes de positivar os direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2022.
- CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós capitalista**. São Paulo: Ubu, 2023.
- CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. São Paulo: Ubu, 2023.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- GARCIA E SILVA, Hermann Bergmann; MARQUES, Rodrigo Moreno. Falsa percepção de gratuidade: a prática do zero-rating e o Marco Civil da Internet. **Transformação**, v. 31, p. e180021, 2019.
- GOHN, Maria da Glória. **Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis-Como impactam e por que importam?** Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- LOBO, Edilene; DE MORAIS, José Luis Bolzan; NEMER, David. DEMOCRACIA ALGORITMICA:: O FUTURO DA DEMOCRACIA E O COMBATE ÀS MILÍCIAS DIGITAIS NO BRASIL. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 7, n. 17, 2020.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, Portugal, v.66, p.117-149. Outubro 2003.
- MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu, 2018.



Dias 30 e 31 de outubro de 2024 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

NUNES, Rodrigo. **Nem horizontal nem vertical: uma teoria da organização política.** São Paulo: Ubu, 2023.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa.** São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

PALAIIO, Nilmara; BARBOSA, Melissa. Forças do Estado: Ascensão das milícias cariocas e o grande medo da população—breve análise sobre as prisões por tráfico de drogas e disputa de controle das favelas no Estado do Rio de Janeiro. Anais da XII Jornada de Antropologia dos alunos do programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2018, Rio de Janeiro. **Anais**, Rio de Janeiro p. 146-157.

TOURAINE, Alain. **Após a crise: a decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2011.